

PRAGMÁTICA NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

PRAGMATIC IN KNOWLEDGE ORGANIZATION

Leila Cristina Weiss
Marisa Bräscher

Resumo: Caracteriza a abordagem semântica pragmática na organização do conhecimento com base na análise da literatura da área. Utiliza a técnica de análise de conteúdo para caracterizar a abordagem pragmática, identificando ideias compartilhadas pelos diferentes autores dos textos que compõem o corpus da pesquisa, formado por 79 trabalhos. Agrupa as ideias comuns e complementares em sete enunciados que destacam aspectos importantes do paradigma pragmático na área de organização do conhecimento. Dentre as características desse paradigma, destaca-se a importância de possibilitar uma comunicação efetiva na construção de representações da informação e do conhecimento, por meio da compreensão dos diferentes pontos de vista e não da escolha de um como sendo o melhor para representar uma realidade que é, por natureza, heterogênea. Conclui-se que as relações semânticas podem desempenhar um papel crucial nessa comunicação, ao guiar o usuário a partir do seu ponto de vista inicial até aqueles defendidos pela frente de pesquisa.

Palavras-chave: Pragmática. Organização do Conhecimento. Relações semânticas.

Abstract: It features the pragmatic semantic approach to knowledge organization based on analysis of previous researches. It uses the content analysis technique to characterize the pragmatic approach, identifies shared ideas by different authors of the texts that make up the research corpus, consisting of 79 works. It groups the common ideas and supplementary ideas in seven statements that highlight important aspects of the pragmatic paradigm in knowledge organization. Among the characteristics of this paradigm, it is emphasized, in the construction of representations of information and knowledge, the importance of enabling effective communication, by the comprehension of different points of view other than the choice of one as being the best to represent a reality that is by nature heterogeneous. It is concluded that the semantic relationships can play a crucial role in this communication, by guiding the user from his initial point of view to those advocated by the research front.

Keywords: Pragmatic. Knowledge Organization. Semantic relationships.

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente os termos “pragmática” e “pragmatismo” são usados de forma equivalente. No entanto, assim como Marcondes (2000) consideramos que é preciso distinguir a *pragmática* enquanto um campo de estudos da linguagem e o *pragmatismo* enquanto corrente filosófica, ainda que uma filosofia da linguagem na linha da pragmática e o pragmatismo se aproximem em muitos aspectos.

O pragmatismo, como corrente filosófica, refere-se às concepções de filosofia que defendem, sobretudo, o primado da razão prática em relação à razão teórica. Teve origem no final do século XIX e desenvolveu-se ao longo do século XX, principalmente nos Estados Unidos. “Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e posteriormente

John Dewey (1859-1952), são os principais representantes desse pensamento em suas várias vertentes.” (MARCONDES, 2000, p. 39).

Na linguística, a pragmática se caracteriza pelo estudo da linguagem em uso e faz parte do campo geral de estudos da linguagem, tradicionalmente dividido entre a pragmática, a semântica e a sintaxe. No entanto, conforme esclarece Marcondes (2000), existe ainda a concepção de pragmática na qual se valoriza a linguagem comum e o uso concreto da linguagem como a principal instância de investigação da linguagem. Nessa concepção considera-se que a constituição do significado linguístico se dá a partir de alguns aspectos: a interação entre falantes e ouvintes, o contexto de uso, os elementos socioculturais pressupostos pelo uso, e os objetivos, efeitos e consequências desses usos. “A pragmática não seria assim apenas um segmento dos estudos da linguagem, mas o seu campo privilegiado.” (MARCONDES, 2000, p. 40)

O pragmatismo como corrente filosófica influencia as pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, inclusive a área de estudos da linguagem. Os pesquisadores em epistemologia definem essa influência como paradigma ou visão de mundo, que não é necessariamente apenas uma influência que ocorre posteriormente ao desenvolvimento de uma corrente filosófica, mas pode ser também um enquadramento ou compatibilidade com determinada corrente.

Quando alguns dos praticantes da ciência descobrem contradições internas e chegam à conclusão de que a sua maneira de ver o mundo não é adequada, percebem que o mundo deveria, ou ao menos poderia, ser olhado e investigado de outra maneira (KUHN, 2001).

Na área de estudos da linguagem encontramos estudos epistemológicos que consideram a semântica como a área principal, o significado o seu objeto de estudo, e a pragmática um paradigma em semântica. Hjørland (2007b) ressalta que Peregrin (2004) destaca dois paradigmas dominantes em semântica, o pragmático e o positivista. O paradigma semântico positivista seria a semântica formal, com regras de lógica para inferências, na qual não se considera o contexto para inferir o significado das expressões, levando-se em conta apenas o sentido denotativo, por que o considera a verdade. No paradigma pragmático em semântica se considera o contexto onde as expressões ocorrem para a inferência dos significados, aceitando-se, portanto, diferentes interpretações.

Peregrin (1999) trata especificamente sobre a pragmatização da semântica e afirma que Charles Morris e Rudolf Carnap estabeleceram uma divisão triádica para as teorias da linguagem: **sintaxe** trataria as relações entre as expressões; **semântica** abordaria as relações entre as expressões e o que elas representam (significados); **pragmática** examinaria as

relações entre as expressões e os seus usos. No entanto, assim como Peregrin (1999, 2004), entendemos que a semântica e a pragmática deveriam ser estudadas juntas, a semântica formal não deveria ser desprezada, mas entendida “como uma forma de destacar e materializar cada expressão contribuindo para as inferências de acordo com o contexto onde ocorrem” (PEREGRIN, 2004, p. 12, tradução nossa).

A pragmática alterou a maneira de estudar o significado. Ainda que o pragmatismo, como corrente filosófica, possa extrapolar os estudos da linguagem e do significado, nessa pesquisa aceitamos a pragmática como um dos paradigmas em semântica que pode contribuir com o estudo do significado na Organização do Conhecimento (OC) e na Recuperação da Informação (RI). Na literatura da área de Ciência da Informação (CI) é evidenciada a ligação da área de semântica com os campos de OC e RI. Existe um consenso entre os diferentes autores que a área de semântica pode fornecer subsídios teóricos para os campos de OC e RI. As teorias semânticas da vertente pragmática são apontadas em trabalhos como Blair (2003) e Hjørland (2007b) como uma opção frutífera para a OC. Mas, como efetivamente podemos caracterizar o pensamento dessa vertente nos estudos sobre OC? Como podemos pensar a elaboração de sistemas de organização do conhecimento (SOC) sob a perspectiva da abordagem pragmática?

A partir desses questionamentos, esta pesquisa tem por objetivo caracterizar a abordagem semântica pragmática na organização do conhecimento, com base na revisão de literatura da área de Ciência da Informação (CI). Aproximando as considerações encontradas no *corpus* de pesquisa, que foram majoritariamente de cunho teórico e sobre aspectos da CI no geral, dos aspectos envolvidos na OC. Neste trabalho sintetizamos os resultados obtidos por meio da análise de um corpus constituído de 79 textos, detalhado no item a seguir.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como revisão de literatura e aplica técnicas da análise de conteúdo, definidas por Bardin (1979), para sistematização das principais ideias extraídas dos textos que compõem o corpus de pesquisa. O levantamento bibliográfico para a constituição do corpus de pesquisa foi realizado em fontes de informação especializadas da área, conforme consta no QUADRO 1.

QUADRO 1 – Levantamento bibliográfico

Fonte	Estratégia de busca (Campo e termo)		Documetnos recuperados	Documentos selecionados
BRAPCI	Geral - todos	Pragmática	28	12
	Geral - todos	Pragmatismo	9	4

LISA	Assunto principal	<i>pragmatic OR pragmatism</i>	29	11
ARIST	Verificação dos sumários		2	2
Repositórios ⁷⁵	pragmática <i>OR</i> pragmatismo		3 teses 3dissertações	3 teses 3dissertações
<i>Web of Science</i>	Hjørland		24	24
	Frohmann		6	6
Plataforma Lattes	Carlos Candido Almeida		8	8
	Gustavo Silva Saldanha		1	1
	Luciana de Souza Gracioso		1	1
	Maria Nélida Gonzalez de Gomez		4	4
Total 79 documentos				

Fonte: autoria própria.

Os seis autores pesquisados na Plataforma *Lattes* e na *Web of Science* foram identificados como importantes para o entendimento da concepção do paradigma pragmático em OC. Por esse motivo, julgamos relevante um levantamento mais exaustivo da sua produção científica.

Os documentos selecionados foram analisados com o intuito de identificar ideias comuns ou complementares que caracterizam o paradigma pragmático. Essas ideias foram agrupadas, criando-se assim categorias. Essa análise foi realizada em três fases, definidas por Bardin (1979), pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação). Quanto ao tipo de análise empregada, a categorial, a autora descreve que

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é de citar em primeiro lugar: cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operação de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1979, p.153).

Para Bardin (1979, p.117) “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.”

Esses critérios podem ser semânticos (categorias temáticas), sintático (os verbos, os adjetivos), dentre outros. Além disso, a categorização pode empregar dois tipos de processos, que são tidos como inversos. Esses processos recebem os nomes de “por caixas”, no qual é fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados, e “por milha”, no qual o sistema de categorias não é

⁷⁵ repositórios institucionais ou nos catálogos das bibliotecas de universidades brasileiras que possuem programa de pós-graduação em Ciência da Informação, de acordo com a classificação da Capes.

fornecido antes, resultando da classificação analógica e progressiva dos elementos. O título conceitual de cada categoria, somente é definido no final da operação. (BARDIN, 1979)

Nessa pesquisa o critério empregado para a formação das categorias foi o semântico. Os temas foram identificados na medida em que os trabalhos que fazem parte do corpus da pesquisa foram analisados. Ou seja, as categorias ou classes não foram previamente definidas. O processo empregado então foi o “por milha”, como denominado por Bardin (1979). Após a categorização, foram propostos sete enunciados que, em nossa análise, sintetizam as principais características do paradigma pragmático nos estudos da OC, e nomeiam as subseções do item a seguir em que os resultados são apresentados e discutidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção apresentam-se as características da abordagem pragmática na OC. Os títulos das subseções sintetizam o tema de cada uma. As discussões apresentadas foram construídas de modo a argumentar e justificar o agrupamento das ideias, identificando os pontos em comum ou que se complementam.

3.1 A informação é um fenômeno construído

Redón Rojas (1996) considera que a informação é construída e não simplesmente inventada (subjetiva) ou descoberta (objetiva). A informação não é uma simples invenção, pois para sua elaboração se toma certa matéria prima (elementos objetivos que se encontram nas coisas), e nem é, tampouco, algo pronto e objetivo que só precisa ser descoberto, pois é necessária a ação do homem. Os homens transformam e são transformados pelo mundo informacional em um processo de evolução constante. O conceito de informação pragmática, em que a dialética do sujeito com o mundo que o rodeia é levada em consideração, deveria ser um dos pilares dos estudos em biblioteconomia, segundo o autor.

Esclarecemos que a ideia de informação como fenômeno construído, o produto de uma síntese de elementos objetivos e subjetivos, de propriedades reais dos objetos com a atividade do homem, é uma visão da CI. Hjørland (2003, p. 93) descreve que os pesquisadores de CI “não são *experts* na interpretação de informações das estrelas, mas são, na sua maior parte, especialistas na informação documentada por astrônomos”. O autor apresenta esse exemplo, no qual a informação é entendida em um sentido mais amplo do que normalmente está implícito na CI, para fundamentar a seguinte afirmação:

O foco especial da CI é o conhecimento documentado produzido pelos seres humanos em algum tipo de documento de uso potencial para outros seres humanos. A luz das estrelas não é informação para a comunidade da CI, mas informações astronômicas como as produzidas e utilizadas por astrônomos

são. Esta distinção pode parecer sutil, mas é importante, a fim de construir uma base teórica sólida para a OC (HJØRLAND, 2003, p. 93).

Nesse sentido, Hjørland(2007 a) considera apropriado falar-se em signos ao discutir aspectos da OC na CI e considera a teoria semiótica como um quadro teórico de referência mais apropriado para os estudos da informação do que a teoria de Shannon e Weaver, por exemplo. Para o autor teorias objetivistas e universalistas da informação podem ter um apelo muito mais forte do que pontos de vistas teóricos que fazem informação, significado e decisões dependentes do contexto. No entanto, segundo o mesmo autor, uma consideração superficial da natureza da informação nos deixaria sem uma fundamentação teórica adequada.

Na tradição semiótica pragmática desenvolvida pelo filósofo e lógico estadunidense Charles Sanders Peirce (1839-1914) os conceitos são entendidos como signos. De acordo com Thellefsen e Thellefsen (2004, p. 180) “isso nos permite afirmar que o vasto conteúdo de conhecimento tácito em um domínio de conhecimento expressa padrões estáveis de significação, que é o resultado de processos sógnicos.” Esses processos sógnicos (semiose) posteriormente tornam-se hábitos de interpretações.

De acordo com a nossa compreensão do conhecimento, a interpretação dos signos em um contexto social não depende apenas do indivíduo intérprete, mas está ancorada no contexto social. Não se pode interpretar os signos de acordo com caprichos subjetivos ou preferências. O domínio do conhecimento coloca restrições sobre as nossas interpretações (THELLEFSEN; THELLEFSEN, 2004, p. 180).

Para Hjørland (2009, p. 1530), “conceitos tem sido entendidos como significados socialmente negociados”. Por se tratar de um processo social, essa negociação e, conseqüentemente, a formação dos conceitos, ocorrem em contextos múltiplos e heterogêneos, que devem ser levados em conta, uma vez que deles dependem. A OC e a elaboração de SOC deveriam, portanto, analisar os contextos de uso para identificar conceitos e possíveis relacionamentos. Assim continuamos a discussão sobre esse tema na seção a seguir.

3.2 Informação e conceitos ocorrem em contextos múltiplos e heterogêneos

Vários estudos da CI, como os bibliométricos e de OC, são desenvolvidos no contexto de determinado domínio do conhecimento. Isso se deve, dentre outros fatores, à necessidade de minimizar as diferenças conceituais. No entanto, diferenças conceituais e concepções concorrentes podem ocorrer mesmo no interior de determinada área do conhecimento.

A análise de domínio, desenvolvida por Birger Hjørland e Hanne Albrechtsen, assume que diferentes abordagens (ou paradigmas) existem em todos os domínios do conhecimento. De acordo com Hjørland (2008b), esses paradigmas devem ser identificados no processo de

OC. No entanto, o autor esclarece que podem existir abordagens ou paradigmas não representativos, que não são apropriados para a OC. Dessa forma, qualquer SOC acaba apresentando um tipo de inclinação, ou *bias*, para os pontos de vistas mais representativos da área.

Outro aspecto da inevitável inclinação nos SOC diz respeito à linguagem em si. Como destaca Gonzales de Gomez (2001), Wittgenstein colocou uma espécie de sombra sobre as concepções universalistas da linguagem, uma vez que, na sua visão, não existe nenhuma linguagem capaz de sintetizar outras linguagens; e os paradigmas de Kuhn fazem o mesmo sobre os territórios discursivos da ciência. Para Kuhn (1975, p. 437 *apud* GONZALEZ DE GOMEZ, 2001, p. 8) “as linguagens seccionam o mundo de maneiras diferentes e não dispomos de nenhum meio sublinguístico neutro de informar”.

Para Alvarenga (1998, p. 3) “a construção do conhecimento deve ser vista como um processo eivado de interesses pessoais e subjetividade, devido aos imperativos que governam a conduta social implícita na construção não somente da ciência, mas dos saberes em geral” e afirma:

O conhecimento científico repousaria sobre um suporte institucional, sendo reforçado e acompanhado por outros estratos e práticas sociais, tais como a política, pedagogia, o sistema de comunicação do conhecimento, incluindo os sistemas de editoração e bibliotecas. [...] a biblioteca seria vista como uma instituição para arranjar textos, estabelecendo-se como um componente da legitimação de uma ordem particular do discurso (ALVARENGA, 1998, p. 3).

Os desafios para este arranjo de textos, que é um componente de legitimação, são analisados por Hjørland (2012), tanto no nível teórico quanto no prático. No nível prático, as bibliotecas estariam cada vez mais dispensando a classificação de livros. No plano teórico, muitos pesquisadores, gestores e usuários acreditam que a atividade de “classificação” não valeria mais a pena devido ao esforço necessário, pois consideram que os motores de busca podem fornecer metadados igualmente úteis para a RI. No nível prático, Hjørland(2012) considera que a questão básica na classificação é a escolha de critérios para decidir se algo deve ser classificado como X.

Os motores de busca podem ser calibrados de forma a proporcionar diferentes resultados ou rankings. A fim de fazer essa calibração (ou simplesmente para avaliar os sistemas), é preciso ter algum tipo de classificação do que deve ser encontrado. Até agora, no campo da CI, temos utilizado principalmente as avaliações de relevância baseadas na "relevância do usuário" (ver HJØRLAND, 2010) (HJØRLAND, 2012, p. 311).

Em Hjørland (2010 a) encontramos argumentação acerca da seleção e determinação da relevância.

A seleção do sistema (ou seja, do programador) não é, portanto, "perfeita" ou "objetiva"; é uma escolha feita entre muitas possíveis e que pode ser mais ou menos inteligente ou adequada para diferentes fins. Portanto, é subjetiva (é difícil entender porque tantas pessoas afirmam o contrário). Sua subjetividade é determinada pelas escolhas do programador, incluindo opções de pontos de acesso de assunto, de ponderação e utilização de estruturas de ligação. Além disso, e talvez o mais importante: a escolha dos métodos de avaliação (HJØRLAND, 2010a, p. 218).

O autor prossegue a sua argumentação e descreve a diferença entre os conceitos de “objetivo” e “subjetivo”. “Uma instrução ou representação é subjetiva se remete às opiniões, crenças e sentimentos de convicção desse ou daquele indivíduo. É objetivo se é independente da opinião das pessoas, crenças e pontos de vista” (HJØRLAND, 2010a, p.218).

Hjørland (2013, p. 11) considera que os SOC não podem ser objetivos e assim devem ser baseados em algum tipo de subjetividade. Esta subjetividade deve, no entanto, ser derivada de opiniões coletivas nas comunidades discursivas e não de estudos de indivíduos ou a partir do estudo abstrato da mente.

Frohmann (2008b), considera que a subjetividade é o tema central para estudos sobre a ética da informação. Para desenvolver sua argumentação o autor apresenta a contribuição de diversos autores (Froehlich, Hauptman, Foucault, Deleuze e Hacking). Sobre o pensamento de Gilles Deleuze, o autor afirma que,

Num espírito foucaultiano, ele argumenta que a ética da informação precisa ser genealógica, porque é preciso olhar para as possibilidades morais e éticas inseridas nos regimes de informação que habitamos.[...] a individualidade e subjetividades possíveis em qualquer momento histórico estão vinculadas com os sistemas sócio-técnicos que as tornam possíveis. A ética da informação deve levar em conta as possibilidades da ação ética onde as forças de estabilização, codificação, territorialização, e dominação no trabalho de construir e configurar os modos de subjetivação possam sofrer negociação, oposição, resistência, e transmutação. Na medida em que a ética está preocupada com a subjetividade, o problema não está localizado em debates sobre como determinados sujeitos morais devem agir, mas na interação de poder entre as forças de dominação e as possibilidades de liberdade na formação de sujeitos. Precisamos de uma ética da informação que reconheça como os processos e tecnologias de informação estão envolvidos no desenvolvimento dos indivíduos (FROHMANN, 2008b, p. 273).

Para Frohmann (2008b, p.275) “um estudo abrangente da importância de Foucault para a ética da informação ainda precisa ser feito.” Assim, procura mostrar que uma ética da liberdade de Foucault oferece uma crítica à ética da informação *self-centered*. O autor explica a diferença entre a ética da liberdade de Foucault e a ética *self-centered* de Froehlich e Hauptman, afirmando que, no último caso,

as subjetividades são muito duráveis e muito estáveis. Apesar de serem componentes emergentes de *assemblages* morais, suas configurações são

tomadas como dadas de uma vez por todas, sem a possibilidade de suas contingências ou o fracasso de suas *assemblages* jamais serem recebidas. (FROHMANN, 2008b, p. 276)

Assemblages, segundo Frohmann (2008b, p.275) se referem às “configurações em que muitos elementos heterogêneos (físicos, conceituais, discursivos, tecnológicos, institucionais) estão alinhados para produzir o todo. Os elementos específicos que compõem *assemblages* variam caso a caso [...]”.

o conceito de *assemblage*, especialmente elaborado por Latour, ajuda-nos a situar os documentos e a documentação em associações complexas de entidades amplamente heterogêneas. Também nos redireciona para a ética e a política dos estudos de documentação que são sensíveis às forças de associação ou reunião, que são tão importantes para a análise de Latour. Ele nos mostra como a documentação pode ser uma questão ética e política importante para a concepção das formas de vida coletiva. (FROHMANN, 2008a, p. 179)

Essa e outras questões são abordadas pelo autor, que conclui o artigo afirmando que

Foucault, Deleuze e Hacking nos apresentam uma forma de pensamento ético que revela problemas e questões em ética da informação veladas a partir da perspectiva de uma ética da informação *self-centered*. Seus trabalhos também nos confrontam com alternativas, não só dos modos de dominar a subjetivação dos sistemas de informação, mas também de como lidar com questões morais daí provenientes. Mas também sugere uma crítica: à medida em que uma ética da informação *self-centered* contribui para a estabilização dos modos de subjetivação e *assemblages* da qual emergem, é cúmplice da reificação das forças de dominação das quais a sua ética quer nos libertar. (FROHMANN, 2008b, p. 276).

Hjørland (1998) se refere ao pensamento de Foucault ao afirmar que na OC é importante um tipo de análise relacionada ao “construtivismo social”, uma espécie de escavação de camada após camada (o que Michel Foucault chamou de “A Arqueologia do Saber”). Para Hjørland (2003, p. 94) a visão do construtivismo social “está relacionada com a visão pragmática [...]. Muitas vezes, porém, o construtivismo social e pragmatismo se opõem ao tipo de realismo, como realismo científico.” Mas a própria questão do realismo na visão pragmática não é um consenso, conforme afirmam Hjørland (2003) e Sudin e Johannisson (2004).

Se uma realidade, que é exterior à mente humana, existe ou não, não podemos afirmar. O fato é que, na visão pragmática, a interpretação humana dos fenômenos é levada em conta para se entender a construção do conhecimento. O pensamento de Foucault e a linha de estudos do construtivismo social são considerados úteis para a OC, apesar de o construtivismo social ser considerado antirrealista, e o antirrealismo não aceito na visão pragmática. Hjørland (2004) argumenta a favor do realismo na CI, e inclui a abordagem pragmática como integrante dessa perspectiva.

Frohmman (2008b, p.275) citando Latour (2005) nos ajuda a compreender como o construtivismo social pode ser compatível com o realismo.

O absurdo de supor que mostrar que algo é construído para diminuir a sua realidade ou para mostrar que é uma farsa é execrado por Latour em seu livro de 2005, no qual ele diz: “em todos os domínios, dizer que algo é construído tem sido sempre associado à valorização de sua robustez, qualidade, estilo, durabilidade, valor, etc. Tanto que ninguém se deu ao trabalho de dizer que um arranha-céu, uma usina nuclear, uma escultura, ou um automóvel são construídos. Isso é obvio demais para ser apontado”. [...] “quando dizemos que um fato é construído, significa simplesmente que representa a realidade objetiva e sólida mediante a mobilização de várias entidades cuja *assemblage* pode falhar.”

O fato do desenvolvimento do conhecimento depender da ação humana e cada indivíduo ser influenciado por alguns pressupostos, concepções e influências teóricas possui, em nossa opinião, uma relação de causalidade com a temática abordada na seção a seguir.

3.3 A qualidade da informação não é constante

A questão da qualidade da informação foi estudada por Assis e Moura (2011). As autoras observaram na literatura que as pesquisas não consideram a qualidade da informação como um processo, o que deveria ser reconsiderado uma vez que “nem informação nem qualidade são fenômenos constantes por que se modificam o tempo todo” (BRIER, 2006 *apud* ASSIS; MOURA, 2011, p. 16). Considera-se, assim, que os modelos de qualidade da informação compõem um recorte arbitrário e operacionalizável de um universo multidimensional e complexo de significações. São criados para contextos e propósitos específicos e desse modo, propensos a sofrerem desatualizações (ASSIS; MOURA, 2011).

De acordo com Hjørland (2000)

A produção e avaliação do conhecimento não podem ser feitas apenas por princípios empiristas ou racionalistas, mas por uma combinação, associando o conhecimento histórico da origem das teorias e considerando os objetivos e valores humanos. Conhecimento se torna mais contextualizado quando o analisamos sob a perspectiva dos documentos e de seu conteúdo. Um documento tem uma história, tem um ou mais autores ou produtores, tem uma conexão com outros documentos, e assim por diante (HJØRLAND, 2000, p. 34 e 35)⁷⁶.

Hjørland (2011) argumenta que para avaliar uma fonte de informação, um verbete da Wikipédia, por exemplo, é necessário relacionar o conteúdo dessa fonte com a interpretação do estado do conhecimento na frente de pesquisa, que normalmente é mais desenvolvido. Para

⁷⁶ “O ponto de vista do conhecimento como fatos isolados ou ideias está relacionado com o empirismo e o racionalismo e enquanto epistemologia pragmática, considera o conhecimento como um conjunto de teorias que cumprem algum propósito” (HJØRLAND, 2000, p.34).

o mesmo autor, as fontes de pesquisa devem ser avaliadas em relação à forma como abordam as controvérsias e diferentes pontos de vista.

Esses diferentes pontos de vista geram diferenças conceituais que são tradicionalmente vistas como problemáticas para a RI e os SOC seriam responsáveis por minimizá-las. Para isso, a compreensão de como ocorre o desenvolvimento da linguagem e dos significados pode ser útil, como passamos a discorrer.

3.4 A prática é importante para a construção do significado

Frohmann (2004) considera que a investigação de Wittgenstein sobre “o que é o significado?” é importante para estudos da informação. Descreve alguns exemplos simples extraídos do livro ‘Investigações Filosóficas’, que considera contribuir para deslocar nossa atenção das imagens mentalistas de significado para as práticas da linguagem.

Com base em Wittgenstein, Hjørland (1998, p.21) afirma que

significados são produzidos por nossas práticas sociais. Uma consequência da prática social é o desenvolvimento da comunicação, do comportamento verbal e não-verbal e de conceitos. Os significados são produzidos primeiramente “fora da mente” e são então, por meio da linguagem, transferidos para as mentes individuais. A partir dessa perspectiva, a questão central da semântica não está mais relacionada aos objetos ou mentes individuais, mas às culturas, às subculturas, à divisão social do trabalho, ao discurso das comunidades, às disciplinas científicas, e assim por diante.

Assim, o autor considera que as teorias mais adequadas sobre semântica seriam a sociocognitiva e a sociolinguística e não apenas a cognitiva e a linguística. No contexto mais amplo, da teoria sociocognitiva e da sociolinguística, o autor aponta para as tradições pragmáticas em semântica que precederam a teoria dos jogos de linguagem. Mais especificamente o pensamento de John Dewey e de Peirce.

Para John Dewey línguas são apenas um meio de comunicação de significado. Comunicação não-verbal, arte e objetos são todos expressivos; eles carregam significado, e podem ser considerados como uma espécie de linguagem. Cada arte tem o seu próprio meio e este meio é especialmente equipado para um tipo de comunicação. As necessidades da vida diária atribuíram mais importância ao discurso como forma de comunicação, em detrimento de outras. Diferentes culturas e necessidades humanas desenvolvem suportes especiais para comunicar significados. Para mim, esse ponto de vista parece intimamente relacionados com a teoria de Wittgenstein de ‘jogos de linguagem’ (HJØRLAND, 1998, p.22).

Sobre o pensamento de Peirce, Hjørland (1998 a, p.21) afirma que ele “descobriu que a teoria pragmática do significado é “futurista” interpretando o significado do ponto de vista de como a determinação do sentido pode contribuir para o cumprimento das metas.”

O pragmatismo e o realismo de Charles Sanders Peirce, que integram a sua teoria semiótica, por levar em conta a condição de referencialidade é considerado por Almeida

(2012b) uma opção teórica na OC para substituir o extremo relativismo. Almeida (2012a, p. 53) apresenta uma revisão da máxima do pragmatismo,

A fim de determinar o significado de uma concepção intelectual, deve-se considerar quais consequências práticas poderiam concebivelmente resultar, necessariamente, da verdade dessa concepção; e a soma destas consequências constituirá todo o significado da concepção.

Mas Almeida (2012b, p. 207) também esclarece que,

a ação por si só não faz um conceito adequado, uma vez que o seu propósito depende da concepção criada antecipadamente e que dá sentido e referência para a ação, e não de outro modo. Como método, o pragmatismo visa averiguar o verdadeiro significado de qualquer conceito, doutrina, proposição, palavra, ou outro sinal.

Assim, certos tipos de concepções intelectuais não possuem significação pragmática. Almeida (2012a) apresenta o exemplo do conceito teológico de transsubstanciação – a transformação do vinho em sangue e da hóstia em carne – que, ao aplicar-se o teste pragmático mostra-se não ter consequências práticas concebíveis. “Um conceito científico ou símbolo, por outro lado, respeitando as indicações do objeto no processo de produção do interpretante, admite um exame pragmático” (ALMEIDA, 2012a, p.53).

O conceito é produto da convenção e da formação de hábitos, mais do que resultado de simples qualidades, mesmo que estas caracterizem e individualizem o conceito em uma rede de conceitos. Deste modo, o conceito é um símbolo, resultante da união entre signo e objeto. Os conceitos dependem da formação de hábitos, os quais estabelecem as regras de associação e de aproximação do *representamen*⁷⁷ com o objeto (ALMEIDA 2012 a, p.52).

O papel das regras na teoria de Peirce, que dependem do hábito e aproximam o signo do objeto, é semelhante na teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein. Novelino (1998, p. 142) afirma que “o uso da linguagem, no sentido dado por Wittgenstein, implica no domínio e uso de regras, pois a aplicação correta de um termo significa que se age de acordo com as regras estabelecidas pelo contexto de sua aplicação.” As expressões linguísticas teriam significado apenas nos diferentes jogos de linguagem que são formações complexas de linguagem e ação.

O grau das diferenças conceituais entre os jogos de linguagem variam, e de forma geral sempre existem conceitos compartilhados entre os diferentes jogos de linguagem, o que possibilita a interação entre esses. Com a interação é possível validar pontos de vista novos, diferentes daqueles que já se tinham e já se confiava, e diminuir progressivamente as diferenças conceituais. Para elaboração de SOC devemos encontrar mecanismos que

⁷⁷ Sinônimo de signo.

possibilitem compreender as práticas discursivas e identificar a evolução dos conceitos em determinado domínio do conhecimento.

3.5 A interação é importante para a validação

Ao voltar sua atenção para as ações de busca de informação em ambientes que possibilitam a interação, Gracioso (2008) investiga o processo de aceitação e validação de propostas informacionais. A autora buscou na teoria da ação comunicativa de Habermas, bem como em pesquisas baseadas nessa teoria, a resposta sobre como os sujeitos aceitam e validam a informação. Uma das pesquisas analisadas pela autora é a de Gerald Benôit que desenvolveu testes em sistemas informacionais e concluiu que a aproximação dos critérios de significação construídos entre “humanos” é difícil de ser apropriada (*a priori*) completamente.

Guasque (2008), ao buscar identificar a relação entre o pensamento reflexivo proposto por John Dewey e as competências empregadas na busca e no uso da informação, verificou que

- Ao se depararem com conhecimentos novos e pontos de vista diferenciados, pesquisadores em formação articulam e aplicam os critérios de autoridade e coerência da abordagem para avaliar a informação e suas fontes, analisando a estrutura e lógica dos argumentos ou métodos. [...]
- Pesquisadores em formação validam a sua compreensão e interpretação por meio de conversas com outros colegas, especialmente os do grupo de estudo e os professores (GUASQUE, 2008, p. 202).

Esses resultados empíricos, ao nosso ver, reforçam os argumentos de Gracioso (2008), quando afirma ser possível, por um processo interativo, atingir critérios de validação e estabelecer um entendimento mútuo sobre as ações proferidas, o que não necessariamente pode resultar em acordos.

Sobre a questão de acordos Guedes (2010), em trabalho que busca insumos teóricos nos pressupostos do pensamento dialógico de Mikhail Bakhtin⁷⁸ (1895-1975) para elucidar a natureza das ações interdiscursivas recorrentes na indexação social, afirma que

O diálogo deve ser visto como uma das manifestações do dialogismo. Fiorin (2006b, p. 24) explica que o vocábulo “diálogo”, portador do significado de “solução de conflito”, “entendimento”, “busca de acordo”, entre outros, “pode levar a pensar que Bakhtin é o filósofo da grande conciliação entre homens. Ao contrário, as relações dialógicas podem ser contratuais ou polêmicas, de divergências ou de convergências, de aceitação ou recusa [...]”. A ligação entre os discursos, isto é, o movimento interdiscursivo

⁷⁸ “o principal tema presente nos textos do Círculo de Bakhtin era o estudo da linguagem no processo de interação social, o que mais tarde seria difundido pelo Círculo pelo termo dialogismo” (GUEDES, 2010, p. 51).

pregado pelo dialogismo, é sempre assimétrico, heterogêneo e conflituoso (GUEDES, 2010, p. 61).

Sendo assim, pode-se concluir que por meio da interação, pontos de vista são contrapostos e podem ou não ser validados, aceitos como verdadeiros. A abordagem pragmática na OC considera que se existirem pontos de vista diferentes, esses devem ser apresentados aos usuários. Na seção a seguir descrevemos como esses pontos de vista devem ser identificados para então serem apresentados aos usuários.

3.6 A bibliografia é uma fonte para identificar pontos de vista distintos e construir linguagens de comunicação

A abordagem pragmática em CI, conforme descrevemos ao longo desse trabalho, assume que diferentes abordagens (ou paradigmas) existem em todos os domínios do conhecimento. Assim, esses devem ser ativamente pesquisados na OC, pois “tais pontos de vista diferentes podem ser explícitos ou implícitos e, se forem implícitos, podem ser descobertos pela análise teórica e filosófica” (HJØRLAND, 2007b, p.374).

Um item central para essa análise seria a bibliografia da área. Hjørland (2007b) retoma o princípio da garantia literária, cunhado em 1911 pelo britânico Edward Wyndham Hulme, o qual diz respeito à identificação e validação dos elementos dos SOC por meio da análise da bibliografia.

Em qualquer bibliografia encontramos maneiras distintas de definir conceitos e determinar relações semânticas. Garantia literária não significa identificar apenas um texto do qual as relações semânticas podem ser inferidas. A tarefa é negociar entre diferentes critérios e selecionar os que tem o maior grau de autoridade cognitiva ou são considerados melhores em relação ao objetivo do SOC (HJØRLAND, 2007b, p.388 e 389).

Se percebe uma estreita ligação entre a importância dada aos documentos, à bibliografia, para os estudos informacionais e a forma como o sujeito é visto, como um ser social e não individual. Nesse sentido, destacamos Frohmann (2009), Hjørland (2007b), Almeida, Cedón e Pinheiro (2012) e Campos e Venâncio (2006).

Com a análise dos documentos e dos usos da linguagem seria possível entender a dinâmica social para a formação do conhecimento. Saldanha (2008, p.22) considera que

Ao ir contra o horizonte de uma racionalidade e de um cientificismo estáticos, essencialistas – a representação -, o pragmatismo informacional procura discutir que nenhuma classificação de mundo dura mais que sua linguagem de uso – e que, mesmo entre os becos e travessas que jogam com suas palavras, a dinâmica deste uso transforma permanentemente a estrutura das formas e dos significados. Não há nada definitivo na esfera das relações sociais. Tudo está sob a dinâmica permanente dos contextos com os quais os jogos de linguagem se constituem, se transformam e desaparecem.

Assim, o objetivo de representar o conhecimento nos SOC deveria ser substituído pelo objetivo de comunicar, sem forçar uma estabilidade que não existe. A representação do conhecimento é, tradicionalmente, vista como o objetivo da OC. Um SOC visa representar o conhecimento de determinado domínio, para organizar a informação e aperfeiçoar o processo de RI.

Para Novelino (1998) linguagens formalizadas são imprescindíveis para ações de transferência da informação, ou comunicação formal da informação, no entanto, as linguagens formalizadas construídas para esse fim são linguagens de representação e essas refletem uma grande preocupação com aspectos representacionais da linguagem quando deveriam refletir uma preocupação maior com o aspecto comunicacional. Sobre as diferenças entre as linguagens de representação e as de transferência de informação estaria o fato de que as de representação consideram exclusivamente a essência de cada informação analisada, enquanto as centradas na comunicação, as de transferência como a autora propõe, consideram os contextos de produção e de uso da informação (NOVELINO, 1998).

Na abordagem pragmática encontramos oposição a alguns aspectos tradicionalmente aceitos na RI e OC, tais como necessidade de informação, e as medidas de precisão e revocação, conforme discutimos a seguir.

3.7 Guiar o usuário para uma escolha informada

Um dos aspectos que nos chama a atenção ao analisar o pensamento dos autores que tratam sobre a pragmática na CI, é a crítica aos atuais modelos de recuperação da informação. Blair (2003) considera que

pode ser extremamente difícil conceber sistemas de informação radicalmente diferentes ou melhorados, porque estamos praticamente bloqueados na maneira de pensar sobre a recuperação da informação, que se materializa pelos sistemas existentes. (BLAIR, 2003, p.13e14, tradução nossa).

O processo de RI, muitas vezes, é visto como aquele no qual o usuário tem algo em mente, que seria a necessidade de informação, que é traduzida em uma consulta de pesquisa. No entanto, com base nas afirmações de Wittgenstein, o autor explica que a forma como se pensa a necessidade de informação é condicionada pela linguagem de recuperação disponível. Na medida em que essa linguagem é limitada, assim será o pensamento sobre o que se quer, sobre a necessidade de informação (BLAIR, 2003).

A avaliação dos sistemas de recuperação de informação (SRI) leva em conta, principalmente e talvez unicamente, os índices de precisão e revocação. Esses índices são

calculados a partir do julgamento de relevância, e a relevância entendida tradicionalmente como o que o usuário já teria em mente, aquilo que o usuário quer encontrar com a busca.

Pensar na diferença entre querer e precisar pode ajudar a entender essa questão. Aquilo que o usuário quer, que tem relação com o conceito tradicional de relevância, pode não ser o que ele precisa. O precisar tem uma ligação direta a aspectos funcionais e práticos enquanto querer é algo mais subjetivo. Assim, o precisar nos parece ser compatível com a definição de relevância, de Hjørland e Christensen (2002, p.964), “Algo (A) é relevante para uma tarefa (T) se aumentar a probabilidade de realizar o objetivo (G), que está implícito em T”.

Frohmann (1990, p. 98) também aborda esse tema e apresenta a seguinte questão: “A recuperação de textos deve satisfazer uma necessidade ou satisfazer um desejo?”.

Desejos são explicitamente reconhecidos e admitidos; eles refletem os objetivos dos agentes, os propósitos e intenções. Nem todas as necessidades são conhecidas, [...] Por exemplo, nem todos sabem o que precisam para evitar AIDS, e nem todo mundo deseja o que precisa. A identificação das necessidades depende de uma concepção da natureza humana e do mundo social; desejos podem ser identificados por meio de um questionário. Se apenas a satisfação do desejo for considerada como finalidade da recuperação de textos, a maioria das regras de indexação para as práticas de recuperação servirão à forma de organização social predominante. Entre as regras de indexação importantes para a satisfação do desejo no capitalismo de consumo, por exemplo, estão aquelas que representam eficientemente bens para o consumo. Por outro lado, se a recuperação objetiva satisfazer as necessidades, então as regras para a sua prática podem ser inconsistentes com os objetivos da ordem social dominante e até antagonistas a eles (FROHMANN, 1990, p. 98).

Essas e outras questões exigiriam uma análise bem mais ampla, ou uma análise política como o autor sugere. Em todo caso, o que essa questão deixa claro é que as “diferentes concepções sobre o papel social da recuperação de textos determinarão os tipos de regras de indexação que construímos” (FROHMANN, 1990, p. 98).

Basear-se prioritariamente nos “desejos” e àquilo o que o usuário já tem em mente pode ser limitativo e ocultar pontos de vista importantes presentes na literatura. De acordo com Gracioso (2010b, p. 141) “é importante que pesquisadores (buscadores de informações) tenham a dimensão da indeterminação da relação entre o que eles descreverão e o que, diante do que foi recuperado, terão de discriminar”. Para isso, conforme afirma Hjørland (2007b, p. 389) “talvez a tarefa mais importante do profissional da informação seja tornar os diferentes interesses e paradigmas visíveis para que o usuário possa fazer uma escolha informado”. Assim, talvez o usuário possa perceber que aquilo que ele queria não era o que ele efetivamente precisava.

Hjørland (2003) explica a influência dos diferentes paradigmas no estabelecimento das relações semânticas por meio da descrição da evolução do conhecimento científico. Apresenta como exemplo, dentre outros, a classificação dos animais. As baleias vivem na água e podem ser classificadas como animais aquáticos, as baleias também são mamíferos e não peixes. A classificação exige que se encontrem as propriedades semelhantes entre os itens a serem classificados para, então, agrupá-los. Essas propriedades semelhantes também podem estabelecer outras relações entre os itens. Hjørland (2003, p. 102) aponta que “a história de todas as ciências naturais revela que a descoberta de que certas entidades que, em princípio pensava-se partilharem determinadas propriedades, poderiam pertencer a diferentes espécies.”

Assim, o autor afirma que

essa realidade mais profunda de espécies e conceitos que a ciência descobre tem implicações importantes para a metodologia de OC. Em primeiro lugar ela desafia muitas abordagens orientadas ao usuário e empiristas. Na medida em que esta visão é correta, as relações entre dois conceitos são, portanto, em relação aos sistemas teóricos (ou paradigmas) em que estão incorporadas. [...] Podemos concluir que as unidades básicas na OC, as relações semânticas entre dois conceitos, devem ser relativas à perspectiva e à teoria da qual elas são consideradas. Devido a este fato, OC não pode ser feita apenas a partir de combinações sucessivas de elementos mas deve refletir perspectivas e teorias mais amplas (HJØRLAND, 2003, p. 102 e 103).

A maneira como o autor entende os conceitos, que junto com as relações semânticas formam os SOC, vai ao encontro dessa afirmação. De acordo com Hjørland (2009) conceitos, pelo menos para fins de OC, são entendidos como significados socialmente negociados, e uma justificativa para esse entendimento, que nos parece oposta ao entendimento do conceito como unidade do pensamento, seria o fato de que

Se o conhecimento é definido como crença verdadeira justificada (como na tradição platônica), então o conhecimento real é difícil ou impossível de identificar e classificar. É mais proveitoso falar de reivindicações de conhecimento, e não do conhecimento em si. Falar em reivindicações de conhecimento sobre as coisas representadas na literatura e as coisas a serem classificadas é uma maneira mais cuidadosa de falar, e não há perda real por esse modo de dizer (HJØRLAND, 2003, p. 100).

Ao nosso ver, isso também justifica o fato de as relações semânticas serem consideradas pelo autor como a unidade básica na OC. Pois na negociação dos significados se formam relações semânticas, ainda que a negociação não termine em um acordo e não chegue a um conceito unívoco, devido a pontos de vistas distintos, as relações semânticas estarão lá. Se forem devidamente identificadas, ajudarão a comunicar ou mostrar para o usuário o contexto, ou os contextos, nos quais o conceito está inserido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos apresentar as principais características da abordagem pragmática na OC, campo no qual o estudo do significado, ou semântica, é de suma importância. O que, de certa forma, nos faz entender a pragmática como um paradigma em semântica, conforme sugere Peregrin (2004; 1999), visão que também é aceita por Birger Hjørland.

A partir dos resultados obtidos com essa pesquisa podemos dizer que na abordagem pragmática a informação é vista como um fenômeno que é construído. Essa construção se dá em circunstâncias diversas e envolve diferentes atores que podem possuir pontos de vista e necessidades distintas, que se dão por diversos aspectos contextuais envolvidos na produção e uso da informação e do conhecimento. Assim, a avaliação da qualidade da informação deve levar em conta estes pontos de vista distintos. Tanto a informação, quanto a sua qualidade não são vistos como fenômenos constantes e avaliar uma fonte de informação a partir de premissas de verdade ou falsidade é visto como perigoso, pois se deve avaliá-la em relação à forma como ela aborda as controvérsias e diferentes pontos de vista. Assim como fontes de informação tais como as enciclopédias, os SOC também devem apresentar os diferentes pontos de vista encontrados na literatura de determinada área do conhecimento.

Ao adotar princípios da abordagem pragmática, os SOC podem contribuir para uma comunicação efetiva, ao possibilitar a compreensão dos diferentes pontos de vista presentes numa comunidade discursiva e não optar por um como sendo o melhor para representar uma realidade que é, por natureza, heterogênea. As relações semânticas poderiam desempenhar papel crucial nessa comunicação, ao permitir que o usuário possa partir do seu ponto de vista inicial e ir até aqueles defendidos pela frente de pesquisa sobre o tema.

Os SOC devem acompanhar a evolução dos saberes e fazeres, refletida também nos usos da linguagem, que estariam presentes na literatura dos diferentes domínios. Nessa perspectiva, poderiam estar mais próximos dos estudos da Sociolinguística ou da Socioterminologia no estudo dos contextos de uso, nos quais, de acordo com a visão da abordagem pragmática, encontraríamos os conceitos e relacionamentos que comporiam a espinha dorsal dos SOC.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. C. Conceito como signo: elemento semiótico para análise e mediação da informação. **Scire**, Zaragoza, v. 18, p. 49-56, 2012a.

ALMEIDA, C. C. The Methodological Influence of Peirce's Pragmatism on Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 39, p. 204-215, 2012b.

ALMEIDA, M. B.; CEDON, B.V.; PINHEIRO, M. M.K. Princípios metodológicos para a caracterização da dimensão pragmática de documentos no desenvolvimento de ontologias biomédicas. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.22, n.1, p. 105-117, jan./abr. 2012.

ALVARENGA, Lidia . Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 253-261, 1998.

ASSIS, J.; MOURA, M. A. A qualidade da informação na *web*: uma abordagem semiótica. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 16 n. 3, p. 96 – 117, jan./ jun. 2011.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979. 225p.

BLAIR, D. C. Information Retrieval and the Philosophy of language. **ARIST**, v. 37, p. 2-50, 2003.

CAMPOS, L.; VENÂNCIO, L. O objeto de estudo da ciência da informação: a morte do indivíduo. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 11, n. 1, jan. /jun. 2006.

FROHMANN, B. Documentary ethics, ontology, and politic. **Arch Sci**, v. 8, 2008a.

FROHMANN, B. Documentation Redux: Prolegomenon to (Another) Philosophy of Informatio. **Library Trends**, v. 52, n. 3, 2004.

FROHMANN, B. Revisiting “what is a document?” **Journal of Documentation**, v. 65, n. 2, 2009.

FROHMANN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory. **Journal of Documentation**, v. 46, n. 2, 1990.

FROHMANN, B. Subjectivity and Information Ethics. **JASIST**, v. 59, n. 2, 2008b.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001.

GRACIOSO, L. S. **Filosofia da linguagem e Ciência da Informação**: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais. 2008. 176f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense/IBICT.

GRACIOSO, L. S. Parâmetros teóricos para elaboração de instrumentos pragmáticos de representação e organização da informação na Web: considerações preliminares sobre uma possível proposta metodológica. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n.1, p. 138-158, 2010b.

GUASGUE, K. C. G. D. **O pensamento reflexivo na busca e no uso da informação na comunicação científica**. 2008. 240f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2008.

GUEDES, R. M. **A abordagem dialógica na indexação social**. 2010. 186f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

HJØRLAND, B. Arguments for philosophical realism in Library and Information Science. **Library Trends**, v. 52, n. 3, 2004.

- HJØRLAND, B. Concept theory. **JASIST**, v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009.
- HJØRLAND, B. Deliberate bias in Knowledge Organization? **Advances in Knowledge Organization**, v. 11, p. 256-260, 2008.
- HJØRLAND, B. Documents, Memory Institutions and Information Science. **Journal of Documentation**, v. 56, n. 1, January 2000.
- HJØRLAND, B. Evaluation of an information source illustrated by a case study: effect of screening for breast cancer. **JASIST**, v. 62, n. 10, 2011.
- HJØRLAND, B. Fundamentals of Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 2, p.87-111, 2003.
- HJØRLAND, B. Information retrieval, text composition, and semantics. **Knowledge Organization**, v. 25, n. 1-2, 1998.
- HJØRLAND, B. Information: Objective or Subjective/Situational? **JASIST**, v. 58, n. 10, 2007a.
- HJØRLAND, B. Is classification necessary after Google? **Journal of Documentation**, v. 6, n. 3, 2012.
- HJØRLAND, B. Semantic and Knowledge organization. **ARIST**, v. 41, p. 367-405, 2007b.
- HJØRLAND, B. The Foundation of the concept of relevance. **JASIST**, v. 61, n. 2, 2010a.
- HJØRLAND, B. User-based and Cognitive Approaches to Knowledge Organization: A Theoretical Analysis of the Research Literature. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 1, 2013.
- HJØRLAND, B. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2, p. 86-101, 2008b.
- HJØRLAND, B.; CHRISTENSEN, F. S. Work Tasks and Socio-Cognitive Relevance: a specific example. **JASIST**, v. 53, n. 11, p.960-965, 2002.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- MARCONDES, D. Desfazendo mitos sobre a pragmática. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 38-46, 2000.
- NOVELINO, M. S. F. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 137 - 146, jul./dez.1998.
- PEREGRIN, J. Pragmatism und Semantik. In: Fuhrmann, A.; OLSSON, E. J. **Pragmatisch denken**. p. 89-108. Frankfurt am Main, Germany: Ontos. 2004.
- PEREGRIN, J. Pragmatization of Semantics. In: TURNER, K. **The semantics/Pragmatics Interface from Different Points of View**. Elsevier, Amsterdam. 1999. p. 419-442.
- RENDÓN ROJAS, M. A. Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, set./dez. 1996.

SALDANHA, G. S. Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein. 2008. 302f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SUNDIN, O.; JOHANNISSON, J. Pragmatism, neo-pragmatism and sociocultural theory: Communicative participation as a perspective in LIS. **Journal of Documentation**, v.61, n. 1, 2005.

THELLEFSEN, T. L; THELLEFSEN, M. M. Pragmatic semiotics and knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 31, n. 3, p. 177-187, 2004.